

REFLEXÕES A PARTIR DA EMPATIA EM CARL ROGERS E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS LÍQUIDAS EM ZYGMUNT BAUMAN

*Maria Socorro do Pilar Maués Fortes¹, Elizabete Cristina Monteiro Ribeiro², Patrícia do
Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo³ e Joyce Maria Vanzeler Gonçalves⁴*

¹Instituto de Psicologia Humanista de Belém | Psicóloga e coordenadora administrativa | E-mail: socorromaues64@gmail.com

²Universidade da Amazônia (UNAMA) | Mestre em Psicologia e docente da UNAMA | E-mail: elizabetedocente@gmail.com

³Universidade Federal do Pará (UFPA) | Doutora em Psicologia e docente da Faculdade de Psicologia da UFPA | E-mail: patrice.san@gmail.com

⁴Universidade Federal do Pará | Graduanda em Psicologia | E-mail: vanzelerjoy@gmail.com

RESUMO

As relações humanas na contemporaneidade revelam vários desafios, dentre eles a fragilidade dos vínculos e a pouca disponibilidade para experienciar empatia nas interações. O presente artigo apresenta um breve recorte da obra de Rogers e Bauman, com destaque para o conceito de empatia e as relações interpessoais líquidas. Teve como objetivo geral tecer um eixo reflexivo, considerando o conceito de empatia e as relações interpessoais líquidas, mostrando o quanto relevante é a empatia para o desenvolvimento das relações. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico nos Periódicos Eletrônicos em Psicologia, na busca de artigos e livros virtuais que contenham informações sobre o conceito de empatia em Carl Rogers e as relações interpessoais líquidas em Zygmunt Bauman. Para isso, utilizou-se como critério de seleção artigos indexados na base de dados como Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) no idioma português e livros na Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-Psi). Em linhas gerais, o eixo reflexivo construído revela a necessidade de considerar a relação entre a dificuldade e disponibilidade de empatia e as relações interpessoais líquidas, bem como indaga sobre a contribuição do conceito de empatia em Rogers, que precisa ser considerado a partir da evolução de seu pensamento. Destaca a importância de se buscar estratégias e prover estudos que visem o desafio da promoção da empatia nas relações contemporâneas mediadas pela velocidade e liquidez nos tempos atuais.

Palavras-chave: Empatia; Relações Interpessoais; Contemporaneidade; Abordagem Centrada na Pessoa; Modernidade Líquida.

REFLECTIONS BASED ON EMPATHY IN CARL ROGERS AND LIQUID INTERPERSONAL RELATIONSHIP IN ZYGMUNT BAUMAN

ABSTRACT

Human relations in the contemporary world reveal several challenges, among them the fragility of the bonds and little or no willingness to experience empathy in the interactions. This article

presents a brief description of the work of Rogers and Bauman highlighting the concept of empathy and net interpersonal relationships. The general objective was to create a reflexive line, considering the concept of empathy in net interpersonal relationships showing how relevant empathy is for the development of relationships. For this, a bibliographic survey was carried out in the search for articles and books, which contain information about the concept of empathy in Carl Rogers and the net interpersonal relations in Zygmunt Bauman. In order to do so, we used indexed articles in the database as the Electronic Psychological Journals Portal (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) in the Portuguese language and books in the Virtual Library of Psychology (BVS-Psi). In general, the constructed reflexive axis reveals the need to consider the relationship between the absence of empathy and the net interpersonal relationships, as well as to inquire about the contribution of the concept of empathy in Rogers, which needs to be considered from the evolution of his thought. It highlights the importance of seeking strategies and providing studies that aim at the challenge of promoting empathy in contemporary relations mediated by speed and liquidity.

Keywords: Empathy; Interpersonal Relations; Net Modernity; Person-Centered Approach; Liquid Modernity.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no século XXI, as relações interpessoais são marcadas por diversos atravessamentos, tais como a expansão tecnológica, a automação e fragmentação do trabalho, o excesso de informações e atividades, características estas que contribuem para a precarização do tempo que seria dedicado a interações que promovam relacionamentos de qualidade. Ainda não há dimensionamento do real impacto disso em nossa saúde psicológica, entretanto, considerando a noção sartreana que reconhece o homem como um ser posto no mundo, que age diante das múltiplas possibilidades de ser, além de que é consciente de sua própria existência¹. Assim, a humanidade tem condições de indagar e estranhar seu *modus vivendi* enquanto ele acontece.

No que se refere ao *modus vivendi* contemporâneo, considerando a realidade brasileira, destaca-se três dados importantes, a saber: 92,5% dos domicílios possuem acesso à internet; 96,7% dos brasileiros possuem celular². Além disso, das mais de cem mil pessoas pertencentes à força de trabalho no país, 40,7% exerce atividade informal em contraposição a 59,3% formalizados, parte dos adolescentes e jovens adultos estudam e trabalham (6,1%) e uma grande parte (76,3%) se encontra numa jornada com mais de 40 horas de trabalho³.

Partindo desse cenário, apesar da notória superficialidade de dados numéricos para cartografar a realidade brasileira, tais dados localizam-se como força motriz inicial para as indagações e estranhamentos que sedimentaram os objetivos deste trabalho, visto que, o que acontece no Brasil, em termos de conexão com as redes sociais e relações interpessoais, não é diferente do que acontece mundo afora. Logo, faz-se necessário tensionar e refletir sobre a empatia no contexto relacional atual.

A noção de empatia será pensada a partir do corolário da Abordagem Centrada na Pessoa, a qual foi desenvolvida em um contexto de ruptura aos pensamentos vigentes no campo da Psicologia e alinhada ao que se nomeou enquanto “Terceira Força em Psicologia” ou Psicologia Humanista. Nesta última, há uma valorização das forças internas do indivíduo, confirmando seu potencial para o crescimento e autorrealização, na busca pelo entendimento do funcionamento autorregulado, bem como das relações humanas como fonte promotora de conhecimento do homem na sua existência concreta⁴.

Na abordagem, a “empatia” é uma das atitudes mais importantes na relação interpessoal, tanto para a compreensão da dinâmica da personalidade quanto para a realização de mudanças na personalidade e no comportamento⁵. Refere-se a uma das maneiras mais sutis e poderosas no funcionamento pessoal e integral de uma relação. Nesta perspectiva, a empatia se torna necessária, pois pode contribuir ao resgate do humano e das relações, questionados anteriormente. Isso ocorre devido à possibilidade de se constituir na relação com o outro e, assim, torna-se pessoa, porque no momento que se deixa de viver essa possibilidade de construção de vínculos, questiona-se a vivência do que é ser social.

A partir do exposto, considerando o advento da modernidade na contemporaneidade, imbuída de múltiplas informações, transformações e consequentes contradições nas relações humanas, questiona-se o lugar da empatia. Nessa direção, este estudo objetiva tecer aproximações entre o conceito de empatia e o conceito de relações interpessoais líquidas, no qual se considera que as relações na contemporaneidade são marcadas pela fluidez, rapidez e fragilidade dos laços humanos e pela sociedade tecnológica do consumo⁶.

Qual a aproximação entre os conceitos de empatia e relações interpessoais líquidas? Qual a relação entre a dificuldade de empatizar e as relações interpessoais líquidas? Que contribuições o conceito de empatia de Rogers pode oferecer para se refletir nas relações interpessoais líquidas preconizadas por Bauman? Todas essas perguntas deram origem a uma única pergunta que norteou este estudo: Que reflexões podem ser produzidas neste contato com o conceito de empatia em Rogers e as relações interpessoais líquidas a partir de Bauman? Assim, o objetivo foi tecer um eixo reflexivo abrangendo o conceito de empatia e as relações interpessoais líquidas.

2 METODOLOGIA

Para isso, foi realizada uma busca em bases de dados como Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram incluídos na amostra artigos científicos publicados em língua portuguesa, que abordavam os conceitos de empatia de Carl Rogers e relações interpessoais líquidas de Zygmunt Bauman. Além disso, também foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS-Psi), na qual foram incluídos livros que abordassem as temáticas supracitadas. Ao todo, a amostra

final contou com dois artigos indexados nas bases de dados e nove livros: seis referenciando a Carl Rogers e três livros citando as obras de Zygmunt Bauman, bem como o conceito de empatia e de relações interpessoais líquidas.

Posteriormente, os textos que compõem a amostra foram submetidos ao método de análise de conteúdo⁷, composto por três etapas: 1- Organização dos materiais, no sentido de selecionar e destacar das obras as informações pertinentes ao problema de pesquisa levantado, no que se refere aos conceitos de empatia e relações interpessoais líquidas; 2- Codificação, etapa referente à separação do corpo textual em unidades de registro, na qual foram destacadas as menções pertinentes à compreensão dos conceitos investigados; por fim, 3- Categorização, na qual as informações organizadas na etapa anterior, são categorizadas por temáticas. A partir deste percurso, foram construídas reflexões que passaram a constituir o eixo reflexivo apresentado como proposição deste estudo.

3 RESULTADOS

A análise dos textos provenientes da revisão bibliográfica possibilitou depreender categorias e subcategorias referentes aos conceitos de compreensão empática e relações interpessoais líquidas, a saber: 1) O conceito de compreensão empática na Abordagem Centrada na Pessoa, subdividida em a) Compreensão empática na relação terapêutica e b) Compreensão empática nas relações interpessoais para além da psicoterapia; 2) Sobre as Relações Interpessoais Líquidas. As quais serão apresentadas de maneira pormenorizada a seguir.

3.1 O conceito de compreensão empática na Abordagem Centrada na Pessoa

Na Abordagem Centrada na Pessoa, a partir dos trabalhos desenvolvidos nos campos de aconselhamento e escuta psicológica, a princípio, propôs-se uma psicoterapia baseada na ideia de uma certa imparcialidade do terapeuta em relação ao indivíduo, na qual a relação terapêutica seria caracterizada pela mínima interferência do profissional sobre o cliente, pois este possui suas próprias potencialidades para reagir sobre si mesmo e seus sentimentos⁸. Esta permissividade rendeu críticas no mundo acadêmico da época, contudo, visava-se transformar a imagem do papel do Psicólogo, no sentido de desarticular a imagem que exerce, afastando-o de uma posição de autoridade diante do indivíduo⁹.

Nas fases primárias de desenvolvimento da psicoterapia, a maior função do terapeuta era de que este assumisse uma postura de interpretação da conduta do indivíduo. Contudo, ao longo dos anos, foram desenvolvidas experiências comprovadas por meio de pesquisas científicas de que existe em cada indivíduo uma tendência natural capaz de produzir mudanças no organismo.

Diante disso, propõe-se à psicoterapia as seis condições e atitudes necessárias à mudança construtiva na personalidade, a saber: 1) o estabelecimento de contato psicológico entre duas pessoas; 2) a presença do cliente, aquele que experimenta incongruências com relação ao que vivencia; 3) a presença do terapeuta, aquele que está congruente/integrado na relação; 4) o terapeuta deve considerar positiva e incondicionalmente o cliente enquanto ser de valia intrínseca (consideração positiva e incondicional); 5) o terapeuta deve compreender as demandas do cliente a partir de seu quadro pessoal de vivências e valores (compreensão empática); 6) o terapeuta deve comunicar para o cliente aquilo que vivencia na relação, de maneira que sua comunicação esteja congruente com o que sente/percebe (congruência/autenticidade). Sendo válido citar a necessidade de que estas condições aconteçam intensamente durante um tempo¹⁰.

E neste sentido, ressalta-se que a compreensão empática do terapeuta em relação ao mundo do cliente precisa ser feita de tal modo ‘como se fosse o seu’, porém, sem perder a condição ‘como se’ estivesse em seu lugar. Isso facilita que o terapeuta possa expressar os sentimentos e emoções que ocorrem no momento da relação no setting terapêutico¹⁰.

3.1.1 Compreensão empática na relação terapêutica

A empatia também é localizada enquanto ferramenta poderosa, tanto para compreensão do funcionamento do indivíduo, quanto para a mudança em sua personalidade e comportamento. Este conceito refere-se a uma das maneiras mais sutis da dinâmica de funcionamento interpessoal, apesar de ser raramente encontrado de forma integral na individualidade humana⁵.

Em uma abordagem cronológica sobre o uso do termo “empatia”, cita-se, em princípio, a proposta de trabalho desenvolvida na obra Psicoterapia e Consulta Psicológica em 1942. Nesse período, indicava-se nos estudos que respostas não ameaçadoras ou de desaprovação, com ausência de atitudes coercitivas do terapeuta em relação ao indivíduo, contribuem para oferecer um espaço de liberdade e aceitação, no qual a pessoa possa sentir-se à vontade para falar de suas sensações contraditórias⁸. Ou seja, o terapeuta deveria compreender os problemas do cliente, com respeito, sem julgamento, sem preconceito, de modo que cuide para não se identificar com os problemas e atitudes do cliente e sim, manter uma postura de aceitação. Assim, torna-se possível ao cliente perceber com mais clareza que está sendo aceito no modo como ele é, e isso contribui à compreensão do seu próprio funcionamento, para que possa ser autêntico e expresse a realidade dos seus problemas⁸.

A partir de 1951, com os trabalhos que culminaram na obra Terapia Centrada no Cliente, percebe-se que tal nomenclatura ‘não-diretiva’ não faz mais sentido e propõe-se que nesta fase o terapeuta se torne mais ativo na relação com o cliente, podendo participar e adentrar na experiência da pessoa em contato, e não somente ficar como um observador ou

espectador na relação. Esse papel criativo e relacional foi possível por intermédio das atitudes facilitadoras admitidas pelo terapeuta em seu manejo. Além disso, a empatia exerce um lugar fundamental neste processo, pois, no encontro dual com o cliente, o terapeuta tem a função de perceber a partir do referencial da pessoa o modo como ela enxerga e entende o seu mundo interno. Assim, ajuda o cliente na busca de recursos para reconstruir a mudança da sua estrutura perceptual⁸.

Por sua vez, na fase experiencial, o conceito de empatia, sua operacionalização e compreensão, sofreram aprimoramentos na medida em que os trabalhos realizados no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa foram influenciados pelos estudos de Eugene Gendlin. Visava-se, agora, que o terapeuta focalizasse e se centrasse na relação e no significado sentido de tudo o que ocorresse neste processo. Com a influência de Gendlin, tais processos internos sofreram uma sistematização no que se refere a mudança de personalidade do indivíduo. Observa-se que esta prática de psicoterapia tem uma visão mais fenomenológica, porque passa a focalizar a experiência intersubjetiva entre terapeuta e cliente e não somente no indivíduo, tal qual antes, na fase ‘Reflexiva’¹¹.

Nessa direção, observa-se que a relação assume o caráter de bi-centralidade, porque acontece na inter-relação terapeuta-cliente. Nota-se que a mudança no processo de psicoterapia ocorre por intermédio das atitudes do terapeuta e não somente pelo uso de recursos e técnicas adquiridas na graduação, mas, sobretudo, pelo relacionamento autêntico do terapeuta na relação com o cliente¹⁰. O conceito de ‘empatia’ evoluiu para a ‘compreensão empática’ e, nesta fase, o papel do terapeuta aparece com uma sensibilidade necessária para perceber as contradições que o cliente traz, sobre as quais ainda não tem conhecimento. Nesse movimento, há o esforço para adentrar o mundo do cliente e compreender o modo pelo qual ele entende e vive. Desta forma, o terapeuta oferece ajuda e cria um ambiente seguro e caloroso no qual o cliente possa captar e penetrar a experiência vivida⁸. Além do que, compreender de forma empática no sentido de estimular a um processo de mudança de personalidade, objetiva a ampliação da perspectiva do cliente sobre o que vivencia, influenciando, assim, nas possibilidades de compreensão do mundo⁸.

3.1.2 Compreensão empática nas relações interpessoais para além da psicoterapia

A partir de 1977, a Abordagem Centrada no Cliente, passa a ser reconhecida como Abordagem Centrada na Pessoa¹¹, sendo que esta denominação foi utilizada primeiramente na obra “Sobre o Poder Pessoal”⁹. Neste período, volta-se o interesse a questões mais amplas e universais, tais como as atividades com grupos. Assim, há uma transformação do ‘fazer’ e das atividades enquanto terapeuta, transpondo a dimensão individual. Outra possibilidade inerente a esta conjuntura, diz respeito a viabilidade de observar a operacionalização do conceito de empatia nas relações interpessoais a partir da metodologia admitida nos Grupos

de Encontro. Os grupos fundamentam-se no processo de experiência enquanto mobilizador de desenvolvimento no âmbito das relações interpessoais, no sentido de proporcionar o desenvolvimento pessoal e o aperfeiçoamento da comunicação¹².

Nota-se que a empatia passa a ser observada no âmbito das relações interpessoais, para além do contexto da psicoterapia. Sendo importante ressaltar que em outras áreas de aplicação, concomitante à noção de compreensão empática, estão também as outras duas atitudes facilitadoras – consideração positiva e incondicional, e a congruência/autenticidade. Visto que a consideração positiva incondicional aponta para a condição de ver o outro como ser em processo, como ser diferenciado de “mim” e a congruência perpassa pela condição de ser o que se é na experiência.

Além disso, adiciona-se que essa barreira que impede a comunicação na relação interpessoal, é uma tendência natural do indivíduo de julgar, desaprovar ou aprovar afirmações de outra pessoa ou de grupos, e só poderá se desenvolver empatia, quando a pessoa se afasta desses julgamentos¹². Significa dizer que empatizar ocorre quando se ouve o outro de maneira compreensiva, mas não somente um simplesmente compreender ou repetir, e sim compreender a partir da referência do outro, isto é, procurar sentir o que esse outro quer dizer através de seu ponto de vista e a ideia que esse outro deseja expressar¹⁰.

Embora pareça simples compreender o outro de maneira empática, há certos obstáculos que dificultam e impedem esse processo, tais como: o risco de modificar a si próprio para compreender o outro, ou quando as emoções do outro ou de um grupo são fortes demais, de modo que seja difícil captar seu ponto de referência¹⁰. Contudo, essa abordagem empática contribui de maneira positiva para que haja a quebra dessa barreira na comunicação, a partir da compreensão do ponto de vista do outro, desde que cada uma das partes atinja tal atitude.

Por fim, a comunicação nos processos interativos grupais, especificamente nos Grupos de Encontro, oportunizou a experiência empática tanto na perspectiva individual, quanto coletiva. Aponta-se, ainda, que a vivência da empatia nos grupos revela a condição de ação tanto da tendência atualizante, quanto da tendência formativa. Nos processos interativos dos grupos, as vivências diferenciadas, convergentes e divergentes se intercruzam no profundo exercício de atualização da experiência. Assim, a empatia assume lugar de movimento e de ação interativa na terapia de grupo centrada na pessoa¹³.

3.2 Sobre as Relações Interpessoais Líquidas

Modernidade líquida é um termo utilizado para definir o mundo globalizado, no qual a liquidez e a volatilidade são aspectos fulcrais, na medida em que desorganizam a sociedade e interferem na estrutura da vida cotidiana dos indivíduos como também nas relações interpessoais. Nessa direção, a principal característica da modernidade é a de ‘derreter sólidos’, pois caracteriza-se enquanto o tempo em que se há pouca contestação política, ou

a redução de poder de instituições antes reguladoras da sociedade, como a igreja e a família. Antes, a estrutura social era pouco questionada por parte da sociedade por parecer mais ordenada, previsível e estável. A vida era mais simples de se viver¹⁴.

Esta metáfora dos sólidos, refere-se a uma sociedade bem organizada, baseada em valores de família e de trabalho, além de ser pautada na construção de bens duráveis. Uma sociedade com visão de fabricar os bens duráveis para suprir as necessidades. Porém, na virada do século XX, houve uma transformação na qual tal estabilidade passou a ser desconsiderada, e foi substituída pelo imediatismo. Assim, a estabilidade antes vivenciada passou a ser volátil, com a vida caracterizada pela transitoriedade, onde tudo é passageiro, fluido. As consequências disso são a ocorrência de incertezas e angústias, especialmente no que diz respeito às redes de comunicação conduzidas para uma coletividade¹⁴.

Sendo assim, para entender sobre essa modernidade líquida, caracterizada pelo império da razão e da ciência, onde tudo é lógico, explicável, e na qual se direciona as expectativas para o futuro de progresso transformador, faz-se necessário, por primeiro, compreender sobre a modernidade sólida, pois é nessa etapa que surge a liquidez, no sentido de que anteriormente houve um movimento de insatisfação com a ‘solidez dos sólidos existentes’. Mesmo com uma certa previsibilidade da vida, acreditava-se que a concretude da época era insuficiente diante das necessidades da sociedade. Nesse cenário, buscou-se uma verdadeira ordem, distinta do passado, então, ser ‘verdadeiramente sólido’ seria uma nova estrutura de Estado, poder e economia, ou seja, um novo modelo de sociedade¹⁴.

Nota-se que há um apontamento para um cuidado mais sólido, no qual tais relações carecem de fortalecimento para formas mais fixas e mais duradouras. Isso implica em relações sociais, institucionais e familiares mais rígidas, nas quais existia um cuidado com as tradições, maior solidificação nas relações humanas. Porém, a partir da ideia da modernidade líquida questiona-se o caráter estável da modernidade sólida, será que a vida era tão sólida assim? Será que para instituir a ordem, precisa ser desta forma tão rígida? Será que existe só uma maneira de pensar? Será que existe só uma maneira de agir?¹⁴.

Isso requer dizer que as pessoas na contemporaneidade não necessariamente sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade da modernidade sólida ou líquida. Mas quer dizer que a sociedade passa por transformações e incertezas onde tudo pode ser questionável, como o papel social – por exemplo, o lugar da mulher nos tempos atuais e consequentemente todos os outros papéis são afetados. Tudo muito rápido e incerto. Estas dúvidas trazem incômodo social, no sentido de que antes, no tempo mais rígido e concreto, as pessoas tinham mais segurança, mas com o advento do neoliberalismo tudo mudou, tudo é muito rápido e volátil, tudo que era sólido será agora questionável e sofrerá profundas mudanças¹⁴.

Diante disso, pode-se dizer que a característica de ‘derreter o sólido’ na modernidade, continua presente e mais intensificada, e que o diagnóstico proposto sobre a sociedade contemporânea é de que há uma permanência na modernidade, porém, agora, em uma modernidade líquida. Neste novo modelo de vida líquida, as pessoas são valorizadas pelo consumismo, o quanto podem comprar e o quanto podem se deslocar por vários lugares do mundo inteiro. Outra característica deste tempo líquido é a competição econômica caracterizada pela perda de emprego em massa e insegurança no trabalho, culminando com a perda de dignidade. Assim, as relações tornaram-se fluidas e líquidas, na medida em que ninguém tem compromisso com o outro, tampouco com o sofrimento coletivo, mesmo nas instituições mais ‘tradicionalis’ como a família, igreja e escola¹⁴.

Adiciona-se a isso que a principal característica da modernidade líquida, é a perda da sensibilidade, que recebe contornos das incertezas e inseguranças das relações interpessoais, agora frágeis, fluidas e voláteis. Perde-se a alteridade, o cuidado e o contato com o outro, e observa-se a incapacidade da comunidade humana de conviver e criar laços de formas duradouras e respeitosas enquanto pessoas, e não como ‘coisa’ e/ou ‘mercadoria’. A insensibilidade se traduz na perda da privacidade, intimidade e direito ao sigilo, aspectos estes preteridos na sociedade de consumo, marcada pela sedução da internet e suas redes sociais, nas quais as relações têm maior visibilidade pública¹⁵.

Nessa conjuntura, questiona-se como será o amanhã nesse contexto onde tudo é muito incerto, onde cada vez mais o Estado tem menos controle sobre as instituições e, por sua vez, as empresas com seu poder econômico lideram e ditam as regras sobre o jogo da economia. Outrossim, o consumo aparece como elemento muito mais de prazer e de bem estar do que de necessidade. Cita-se, aqui, a ideia do líquido comparado ao capitalismo, tudo que é sólido pode se desmanchar no ar, o que desvela a importância do dinheiro e do poder na vida moderna. Logo, a liquidez caracteriza-se de maneira análoga à água escorrendo pelas mãos e pelos dedos, visto que no capitalismo tudo é relativo, o dinheiro vem em primeiro lugar e aparece como mediador, por exercer sua função de troca no novo cenário social de consumo¹⁴.

No que se refere à liquidez aplicada ao âmbito das relações, insere-se a ideia do líquido como algo ambivalente, por estar em constante transformação e, ao mesmo tempo, em constante permanência, posto que com a criação das tecnologias, numa velocidade da luz, surgiu a criação de novos aparelhos. Essa construção e evolução estrutural contrapõe-se ao alto índice de racismo e à fragilidade dos laços humanos vivenciados pelos sujeitos na sociedade tecnológica do consumo⁶. Antes, a sociedade podia ser chamada de sólida, concreta e real, onde os relacionamentos eram duradouros devido à cultura de construção de laços duradouros, relacionados ao casamento, à família e a própria noção de comunidade, por exemplo. No entanto, a partir do padrão de bens de consumo, as relações passaram a ser

mantidas até quando proporcionarem satisfação, sendo substituídas por outras que oferecerão ainda mais prazer e deleite.

Neste sentido, discute-se que os relacionamentos humanos se transformaram diante do processo geracional, posto que hodiernamente as pessoas a partir de um *click* se “conectam” e visam acumular o maior número de curtidas nas redes sociais e internet. Recorre-se aqui à noção de conexão para compreender como se dão as relações nesse ambiente tecnológico, no qual se deseja acumular interações (curtidas, comentários, compartilhamentos) o quanto seja possível, mas estas interações são superficiais em qualidade e tem como consequência o descarte e desligamento rápidos e abruptos. Nesta lógica, as pessoas fazem diversos amigos, mas os laços podem ser frágeis por terem sido construídos em redes sociais, nessa lógica de interação superficial e rompimento constantes. Nota-se que há uma certa ansiedade pela segurança do convívio e pela solidez dos laços com que se possa contar no momento de aflição e pela necessidade de “relacionar-se”⁶.

Diante do exposto, afirma-se que o ser humano vive um grande dilema pela busca da liberdade e da segurança, mas sem responsabilidade. Os encontros são sem compromissos, relações familiares estão se tornando cada vez mais frágeis e flexíveis. Os relacionamentos seguem os moldes das mercadorias de consumo, ou seja, se existe algum defeito, podem ser trocados⁶. Na atualidade, transmite-se a sensação de liberdade, na qual todos podem ‘sentir-se livres’ e fazer o que desejam. Uma liberdade voltada para si, posto que nos tempos líquidos nada foi feito para durar, não há espaço para construção de vínculos, nem para a criação da representação do outro nas relações interpessoais. Tudo é propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível, sendo que isso abre espaço ao individualismo, à fluidez e à efemeridade das relações instantâneas.

Dentre os fatores que contribuíram ao enfraquecimento das relações, destaca-se o surgimento das tecnologias enquanto mais evidente, visto que isso viabilizou uma sensação de liberdade ‘superficial’, na qual o ‘virtual’ passou a ser mais importante que o ‘real’ – por ser também mais confortável, haja vista que não há com o que se preocupar: as reverberações provenientes do contato com o outro visando interações mais sólidas e permanentes, são sanadas pelo ato de ‘blockear’ ou ‘deletar’⁶. Com isso, há dificuldades de se estabelecer relações afetivas, porque tudo é feito ‘às pressas’ e de modo ‘descartável’. Assim, quando aparece um problema, a relação logo se desfaz e acaba por ser substituída pela ‘conexão’ a outra pessoa. Atitude que ao mesmo tempo preserva a zona de conforto e o distanciando da alteridade, do cuidado e do contato característico das relações interpessoais⁶.

Assim, neste contexto, chama-se a atenção para um tempo onde tudo é relativo, onde a roupa é mais importante que o corpo, onde o casamento é mais importante que o amor, é uma busca incessante de relacionamentos sem compromisso. Os indivíduos optam por não aprofundar as interações com o outro, principalmente aqueles ligados à permanência, pois este

tipo de relação pode comprometê-lo e trazer tensões. As consequências deste fenômeno podem ser inúmeros: aumentos da ansiedade, identidades frágeis e relações cada vez mais superficiais, com relações cada vez mais rápidas, fluídas e voláteis⁶.

Na conjuntura supracitada, a obstinação por novas relações é também um dos principais motivos associados à necessidade de apoio emocional durante o processo de tentativa de fuga do sofrimento e de situações que possam causar dor: aproximando-se do contexto tecnológico, os internautas utilizam da própria rede social para sondar a opinião de especialistas acerca das dúvidas inerentes a determinado tema, ouvindo experiências de outras pessoas, as quais, ao invés de ajudar, podem causar prejuízo⁶.

Diante do exposto sobre os relacionamentos de liquidez, ressalta a reflexão acerca da indagação: o que, afinal, as pessoas desejam? Se relacionar ou se afastar para evitar sentir dor, culpa e julgamento? Parece que no mundo atual, o termo “relacionar-se” transformou-se em “conectar-se”. Isto surge com uma velocidade crescente e, a partir do momento que o internauta não estiver mais interessado em determinada relação, basta teclar a opção “deletar”. Assim, alerta-se para as condições pós-modernas e suas consequências líquidas, voláteis e frágeis, as quais podem afetar as estruturas e as relações interpessoais da vida dos indivíduos, por meio da propagação de contextos promotores de insensibilidade, por conta da busca de respostas prontas e imediatas, respostas estas que podem levar, ao mesmo tempo, aos horrores e à clausura. Contudo, mesmo neste contexto, é possível procurar relacionamentos mais duradouros, sólidos e seguros no sentido de construir relações mais consistentes⁶.

4 DISCUSSÃO

Diante disso, propõe-se um eixo reflexivo sobre empatia e relações interpessoais líquidas. Eixo diz respeito a uma linha imaginária ou concreta, caracterizada por atravessar o centro de um corpo, possibilitando que coisas transitem em seu entorno¹⁶. O eixo reflexivo deste estudo se configurou de indagações e a partir de um pequeno recorte literário no que se refere às concepções de empatia e relações interpessoais líquidas. Para adentrar nessas reflexões, torna-se importante destacar brevemente um pouco do contexto histórico de fundamentação de cada conceito.

O conceito de empatia foi criado em um contexto de rigidez e liquidez. A própria Abordagem Centrada na Pessoa localiza-se enquanto proposição de uma psicologia humanista que rompia com estruturas rígidas, em um contexto que se primava pela necessidade de resgate do humano na concretude, o existir na experiência, no vivido, indo de encontro a qualquer explicação determinista oriunda da dicotomia sujeito/objeto. Ademais, esse período se deu num contexto cultural dos anos sessenta, caracterizado por acentuados

questionamentos e pela mudança nas sociedades ocidentais, sendo este período marcado pela contracultura que se refletia em revoltas estudantis, movimentos hippies, ativismo pacífico contra guerras, organizações de movimentos em favor dos direitos de minorias raciais e feministas, oposição ao consumismo, valorização do corpo, amor livre, drogas psicodélicas, uso de práticas meditativas e espirituais. Tudo isso convergia em rejeição aos modelos tradicionais de família, trabalho, escola, igreja⁴.

O paralelo com essa efervescência dos valores humanistas e o conceito de empatia, assume um lugar de destaque nesta perspectiva, considerando a evolução direcionada à compreensão empática a partir da incorporação de características do conceito de experiência ocorrida a partir da fase experiencial (1957-1970), adentrando na fase inter-humana ou coletiva (1970-1987) e alcançando a fase Neo-rogeriana ou Pós-rogeriana¹¹. Assim, a empatia passa a assumir um caráter mais expansivo e de ação transformadora.

Nessa direção, é preciso considerar também os grandes avanços tecnológicos ocorridos nas duas últimas décadas do século XX¹⁷. Na atualidade, há uma complexa interface entre os diferentes campos tecnológicos, lançando mão de uma linguagem digital que produz, armazena, recupera, processa e transmite informações. Nota-se que investigar a modernidade líquida aponta para o lado sombrio da cultura on-line e a absurda intensidade de informações recebidas, e o impacto disso nos relacionamentos, o que corrobora os achados sobre o conceito de relações interpessoais líquidas. Apesar disso, é preciso considerar que essa mesma cultura de acesso e celeridade de informações, possibilita a interação de pessoas isoladas territorialmente e vivendo dramas humanos avassaladores, com outras que vivem experiências semelhantes e outras que não vivem esse drama, mas que são capazes de se engajarem e proverem ações variadas de profunda solidariedade. Diante disso, como não considerar possibilidades de empatia entre os ‘distantes’?

O conceito de modernidade líquida abrange um conjunto amplo e complexo de transformações, numa perspectiva de indeterminação e imprevisibilidade tanto na esfera global, econômica quanto do âmbito das relações interpessoais, além do posicionamento crítico a partir da denúncia da fragilidade das relações fluidas, que na tentativa de romper com parâmetros sólidos, se perdem na incerteza e volatilidade⁶.

Trata-se da ‘era da incerteza’, da liquidez, do consumo e das relações de trabalho desprovidas de segurança. Tudo que se faz, pode ser feito por outro, ou por arranjos de situações pensadas e organizadas a partir do leque de intensas informações, isso não apenas a longo e médio prazo, mas principalmente em curto prazo. Hodernamente, a pessoa precisa ser eficiente e atender muito bem a sua necessidade pessoal, de autocuidado, além de dar conta de possíveis demandas familiares e do trabalho com igual nível de excelência⁶.

No que concebe como relações interpessoais líquidas, aponta-se para a impossibilidade ou dificuldade da empatia. Isso ocorre porque, sem um maior aprofundamento dos laços

interativos, idealizam-se os relacionamentos com a premissa de descartá-los diante de qualquer desencontro ou frustração decorrente da não contemplação do ideário previsto ou desejado, sendo isso representado pela substituição do termo relacionar pela ideia de ‘conectar’⁶.

O cenário das relações interpessoais líquidas descritas revela a importante contribuição acerca da compreensão do adoecimento psíquico. Esta celeridade de tantos estímulos e modelos relacionados a padrões comportamentais adequados/corretos para alcance de felicidade, é maciçamente veiculada nas interações midiáticas e nas interações não-midiáticas. Nesse âmbito, a responsabilidade pelo fracasso, construção e manutenção de padrões recaem principalmente sobre os ombros dos sujeitos¹⁴.

Busca-se um ideal de parceiro ou parceira, seja para amizade ou para um relacionamento mais íntimo. Tudo o que leva às pistas para esse ideal pode garantir o tempo desse encontro: dúvida, angústia, frustração e sofrimento, não tem espaço. O que implementa um importante paradoxo e permite considerar que a característica volátil dessas relações denuncia a ausência ou a insipienteza da experiência empática, coloca-se em relevo no eixo reflexivo deste estudo.

Neste sentido, é preciso considerar que a empatia é fenômeno relevante para o desenvolvimento humano, visto que contribui para o maior aprofundamento das relações. Isso remete à necessidade de indagar o conceito de empatia ou em que níveis ela é exercida, pois a proposição teórico-prática rogeriana obedece a uma graduação que vai para além do ‘colocar-se no lugar do outro’, considerando a transformação de seu pensamento. O que leva a refletir sobre quais os níveis da atitude empática, bem como em quais contextos relacionais na contemporaneidade ela é mais bem promovida ou desencorajada.

A empatia, considerada enquanto compreensão empática e com características experienciais, é reconhecida como processo que enseja ação e movimento⁵. Neste caso, deve-se ressaltar o significado sentido que o cliente vivencia, facilitando a partir da sensibilidade que o cliente focalize o significado até chegar em sua vivência plena e livre⁵. Além disso, abordar a empatia enquanto ação viabiliza construir a concretude da relação, pois a comunicação da compreensão ao outro é o que gera mudança¹³, sendo que essa transformação requer interação mínima de possibilidade de contato com o fluxo experencial emergido na ponte intersubjetiva das relações. Nota-se que este é um fenômeno por si só demasiadamente complexo nas relações físicas/presenciais, logo, assume maiores proporções de complexidade nas relações virtuais, nas quais temos muito mais questionamentos do que respostas. A questão é que uma atitude empática que garanta a atenção ao vívido, nos convoca a pausar atenção naquilo que alimenta a vida subjetiva dos seres¹⁸.

Por outro lado, se nas concepções sobre a modernidade líquida há o benefício de acessar com riqueza crítica de detalhes aspectos sobre o homem contemporâneo, atravessado pela cultura deste tempo de impermanência, a visão da compreensão empática permite não só constatar a necessidade da vivência deste tipo de vínculo, mas também indagar sobre nossa disponibilidade para acessar ao que ocorre neste tempo, no aqui/agora dessas relações, que são mediadas por processos intersubjetivos multirreferenciados. E isto leva à indagação sobre o que se sente nos processos de descarte e rompimento, somado às reflexões sobre as necessidades de registrar e exibir em detrimento de viver. Como seria acessar estas experiências?

A partir do conceito de experiência, parte-se da noção heideggeriana de ser-aí (*dasein*)¹³. O homem que se constitui na relação homem/mundo é afetado pelo mundo e também afeta este mundo, sendo que é nessa relação que a capacidade de atualização é acionada. A partir disso, infere-se a impossibilidade de admitir absolutismos e visões trágicas sobre as relações diferenciadas deste tempo, mas destaca-se que o movimento empático nesta perspectiva não se restringe ao que é confortável ou de mais fácil acesso, por ser similar ou próximo daquilo que o indivíduo se identifica, ao contrário, o movimento empático permite olhar experiencialmente a impermanência, acolhe o diferente, o contrário, o oposto, o desconhecido e, por isso, o demasiadamente humano. E nesta perspectiva sai da linearidade e adentra no jogo interativo de forças, para além das atitudes facilitadoras.

A partir do exposto, nota-se que se faz necessário considerar a relevância da compreensão empática, bem como do contexto humanista contestador das relações rígidas e autoritárias, e o posicionamento crítico acerca da conjuntura relacional na modernidade líquida. Diante disso, faz-se necessário buscar estratégias para prover estudos que visem contribuir ao desafio da promoção de empatia nas relações contemporâneas mediadas pela velocidade e liquidez, bem como compreender como e quando esta atitude acontece nesses cenários. Empatia e relações interpessoais líquidas são temas relacionados em suas contradições. Para além da definição inicial da palavra eixo descrita no início deste texto, espera-se que a linha reflexiva aqui apresentada possa contribuir não apenas para que outras reflexões surjam ao seu redor, como também para que outras reflexões surjam a partir dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver na contemporaneidade é se deparar com um fluxo contínuo de muitas informações e em constantes transformações, num tempo cada vez mais restrito. Os relacionamentos humanos neste contexto, não obstante a facilidade da comunicação e diminuição das distâncias geográficas produzidas pelo avanço das tecnologias, apresentam uma direção maior em relação ao adoecimento psicológico, do que à saúde psicológica.

A Psicologia como ciência e profissão, assume compromisso social e político quando se debruça a pensar a realidade de forma crítica, dialogando com outros saberes. Neste sentido, este estudo, mesmo que de maneira rudimentar, objetivou produzir reflexões a partir da articulação das noções de compreensão empática e relações interpessoais líquidas.

O modelo de escuta empática apresentado, considerando seus aprimoramentos, transcende a relação terapêutica e pode ser experienciado em outros tipos de vínculos, com as suas devidas especificidades. Entretanto, a eficiência deste modelo, tanto na formação de Psicólogos como no uso por outras pessoas e profissionais, requer um espaço de conhecimento técnico e experencial para a sua aplicabilidade.

Um dado relevante neste sentido é que em tempos de modernidade líquida, a relação empática pode ser exemplificada no desenvolvimento do Plantão Psicológico, modalidade de atendimento contemporâneo que se encerra em si mesmo, potente às urgências psicológicas¹⁹, o qual se tem apresentado como importante espaço de atenção psicológica às mais diversas demandas de sofrimento vivenciadas pelas pessoas diante dos atravessamentos contemporâneos. Além disso, embora já seja ofertado não só por profissionais identificados com a Abordagem Centrada na Pessoa, é nesta linha teórica que se apresenta o maior número de estudos e publicações, sendo este reconhecido como prática clínica da contemporaneidade e, especificamente, uma escuta empática em toda a sua potência pode fazer a diferença em tempo exíguo²⁰.

Nota-se, por fim, que se faz necessário desenvolver a busca por outras formas de experienciar empatia na sociedade atual, na qual o relacionar é substituído pelo conectar. Considerando que empatia e relações interpessoais líquidas são temas exponenciais, objetivou-se com este estudo apresentar uma contribuição inicial, porém, não conclusiva, mas que possa agregar aos conhecimentos científicos a serem desenvolvidos neste campo.

REFERÊNCIAS

1. Gois C. Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano. Reflexão [Internet]. 30º de janeiro de 2024 [citado 9º de abril de 2025]; 32(91). Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/10921>
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023 [Internet]. 2024 [citado em 9º de abril de 2025]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2023 [Internet]. 2023 [citado em 9º de abril de 2025]. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2024/Tabelas/ods/1_Trabalho_ods.zip
4. Boainain Jr E. Tornar-se Transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. 2ª ed. São Paulo: Summus Ed; 1999.

5. Rogers CR, Rosenberg RL. A pessoa como centro. 1^a ed. São Paulo: EPU Ed. da Universidade de São Paulo; 1977.
6. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2004.
7. Bardin L. Análise de Conteúdo. 1^a ed. São Paulo: Edições 70; 2016.
8. Fontgalland R, Moreira V. Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers. Memorandum (Belo Horizonte) [Internet]. 1º de outubro de 2012 [citado 15º de abril de 2025]; 23:32-56. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6554>
9. Holanda AF. Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber. 1^a ed. São Paulo: Lemos Editorial; 1998.
10. Rogers CR. Tornar-se pessoa. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2009.
11. Moreira V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. Estud. Psicol. (Campinas, Online) [Internet]. 31º de dezembro de 2010 [citado 15º de abril de 2025]; 27(4):537-544. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7177>.
12. Rogers CR. Grupos de encontro. 8^a ed. São Paulo: Martins Fontes; 2002.
13. Morato HTP, Mosqueira SM, Lima RA. Abordagem centrada na pessoa: Rogers. 4^a ed. São Paulo: Mente cérebro; 2010.
14. Bauman Z. Modernidade Líquida. 1^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
15. Bauman Z, Donkis L. Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2014.
16. Eixos [Internet]. Dicio, Dicionário Online de Português. 2024 [citado 9º de abril de 2025]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/eixos/>
17. Castells M. A sociedade em rede. 1^a ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra; 1999.
18. Messias, JCC, Cury VE. Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência. Psicol. Reflex. Crit. (Porto Alegre) [Internet]. 2006 [citado em 9º de abril de 2025]. 19(3):355-361. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300003>
19. Tassinari M, Durange W. Plantão Psicológico e sua inserção na contemporaneidade. Rev. NUFEN. (São Paulo) [Internet]. 2011 [citado em 9º de abril de 2025]. 3(1):41-64. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100004&lng=pt&nrm=iso
20. Dutra E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. Estud. psicol. (Natal) [Internet]. 2004 [citado em 9º de abril de 2025]. 9(2):381-387. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200021>